

**Os que não são
convidados**

Dorothy Macardle

Os que não são convidados

Matão, SP

- 2013 -

Tradução de Wallace Leal V. Rodrigues



OS QUE NÃO SÃO CONVIDADOS

Capa: Equipe O Clarim

Projeto gráfico: Equipe O Clarim

Revisão: Enéas Rodrigues Marques

Todos os direitos reservados

© Casa Editora O Clarim

(Propriedade do Centro Espírita O Clarim)

Rua Rui Barbosa, 1070 — Centro — Caixa Postal 09

CEP 15.990-903 — Matão-SP, Brasil

Fone: (16) 3382-1066 — Fax: (16) 3382-1647

CNPJ: 52.313.780/0001-23

Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br

oclarim@oclarim.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA

Dorothy Macardle

Os que não são convidados

Tradução de Wallace Leal V. Rodrigues do original **The Uninvited**

1ª edição: janeiro/1972

3ª edição: fevereiro/2013 — 6.000 exemplares

Matão/SP: Casa Editora O Clarim

336 páginas — 16 x 23 cm

ISBN — 978-85-7357-113-4

CDD — 133.9

Índice para catálogo sistemático:

- 133.9 Espiritismo
- 133.901 Filosofia e Teoria
- 133.91 Mediunidade
- 133.92 Fenômenos Físicos
- 133.93 Fenômenos Psíquicos

Impresso no Brasil

Presita en Brazilo

Sumário

Dados biográficos da autora	9
Prefácio do tradutor	11
CLIFF END	15
O COMANDANTE	25
A ALDEIA	37
MERGULHADO EM PRAZER INFINITO	47
ESTELA	57
O “STUDIO”	73
A FESTA INAUGURAL	87
O PADRE ANSON	105
DIA DE FEIRA	119
O QUARTO DAS CRIANÇAS	129
A EXPERIÊNCIA DE PAMELA	145
A SENHORITA HOLLOWAY	161
A ÁRVORE	175
A VISITA DO COMANDANTE	187
OS TESOUROS DE CARMEL	199
O MODELO DO ARTISTA	215
UMA ADVERTÊNCIA	229
O COPO QUE ESCREVE	243
MARY	255
BECO SEM SAÍDA	267
AS PALAVRAS ESPANHOLAS	285
VOLTA	299
DUELO	315
MANHÃ	327

Dados biográficos da autora

Macardle, Dorothy (1899-1958), historiadora, romancista, crítica teatral; filha de Sir Thomas Macardle, chefe de uma renomada família de cervejeiros de Dundalk. Educou-se na Universidade Católica de Dublin. Tornou-se professora do Alexandra College, em Dublin. Influenciada por Maud Gonne envolveu-se no movimento republicano irlandês, foi presa e passou por uma greve de fome. Sua posição no Alexandra College esteve franqueada até que ela pôde retomar seu trabalho. Trabalhou como propagandista e publicista durante a luta da Independência da Irlanda, e pela facção republicana durante a Guerra Civil. Requisitada por Mr. Valera (1º Presidente da República da Irlanda – Eire) ela escreveu seu mais conhecido trabalho, *The Irish Republic*, (1937). Outros trabalhos são: *Tragedies of Kerry*, onde narra incidentes da Guerra Civil, e *Children of Europe* (1949), cujo assunto versa sobre as crianças refugiadas. Dois de seus romances, *Uneasy Freehold* e *Os que não são convidados* (trad. de Wallace Leal V. Rodrigues, Ed. O Clarim), transformaram-se em filmes; também escreveu duas peças de teatro: *Asphara* e *Dark Waters*. Durante os primeiros anos que trabalhou no *Irish Press* produziu diversas críticas teatrais. Entre 1939 e 1945, sua preocupação voltou-se para o problema dos refugiados. Também apaixonadamente interessou-se pelos movimentos juvenis. Foi presidente da Associação Irlandesa das Liberdades Civis, em 1951. Morreu em dezembro de 1958, no Hospital Médico das Missionárias de Maria, em Drogheda.

Da renomada escritora, apresentaremos em breve, um outro apaixonante romance, “*The unforeseen*” (Os inesperados), tão fascinante quanto *Os que não são convidados*.

Prefácio do tradutor

Os que não são convidados, título que encontramos para o original inglês *The Uninvited*, põe-nos em face de um dos romances espíritas mais bem urdidos e mais interessantes até hoje elaborados longe da área mediúnica. É um livro sem par e, tecnicamente, melhor elaborado mesmo que o hoje célebre *Returned Empty*, que a Editora O Clarim lançou com o título de *Voltou, mas esqueceu...*

Dorothy Macardle, autora também de *The Unexpected*, conta-nos nesta sua obra uma história atualíssima, ainda que tendo por cenário uma velha mansão no litoral selvagem da Inglaterra. É a história de uma mulher – quase uma menina-moça –, perturbada pelas paixões desencadeadas por entidades espirituais que se negam a abandonar o velho solar.

Stella, assim se chama ela, conhece emoções que a levam do amor mais intenso às raias da loucura. Sua beleza e ternura inspiraram um dos compositores de maior renome de nosso tempo, Victor Young, a compor um “moderno concerto” que é tido pelos entendidos como uma das linhas melódicas mais belas divulgadas na atualidade. Trata-se de “Stella by starlight”, “Estela sob a luz das estrelas”, tema sinfônico que mereceu do grande letrista norte-americano, Ned Washington, os seguintes e inspirados versos:

*Have you seen Stella by starlight
Standing alone, moon in her hair?
Have you seen Stella by starlight
When have you known rapture so rare?*

Dorothy Macardle

*The song a robin sings
Through years of endless springs
The murmur of a brook at eventide
The ripples by a nook
Where two lovers hide
A great symphonic theme
That's Stella by starlight
And not a dream
My heart and I agree
She's everything on earth to me.*

É em torno desta bela personalidade e dos choques que para ela representam o encontro com o mundo invisível, que a escritora Dorothy Macardle – sobre a qual não pudemos obter nenhum dado informativo – escreveu este romance, já filmado pela companhia Paramount Pictures.

Voltar à casa em que nascera, ao ambiente que lhe fora familiar, ao cenário que lhe trazia contraditórias emoções, eis a única solução que ocorria a Estela Meredith! E ela se torna o centro de intrigas terríveis, de memórias dolorosas, tanto mais que envolviam criaturas invisíveis aos olhos mortais.

Desde a primeira página do empolgante livro, sente-se que Estela Meredith está fadada, tanto quanto a música de Young, que inspirou, a se tornar imortal, quando menos na literatura espírita.

De fato o leitor nunca mais a esquecerá, jamais perderá de vista a sua impecável beleza, inda mesmo quando desponta entre espectros nefastos e hediondos.

O “suspense” que Dorothy Macardle estabelece se mantém até o fim. Cada minuto que o leitor passa na bela mansão “Cliff End”, a Casa do Fim do Penedo, tem em si algo de vital.

Tão absorvente é este livro, quer pelo tema, como pelo estilo, e tantas são as surpresas que encerra, que não hesitamos em afirmar que nele existe uma profunda mensagem – a mensagem da reencarnação, da comunicabilidade dos espíritos e da imortalidade pessoal – que para todos os leitores terá a maior e a mais válida das significações.

Araraquara, janeiro de 1970

// Prezado Garry,

Aqui está seu livro. Foi você quem insistiu comigo para escrevê-lo.

Compreendo sua pertinácia. Os extraordinários acontecimentos daquele verão nunca seriam acreditados – duvidaríamos mesmo de nossas próprias recordações, não fossem os fatos registrados sem mais demora.

Sei que você compreende minha relutância. As ocorrências, que considera como de “significação científica e probatória”, inextricavelmente se prendiam a questões de caráter pessoal. Falhou todo o esforço que fiz para separá-las desta história íntima. E só fui capaz de fazer o que você desejava, forçando-me por esquecer que o que eu estava escrevendo pudesse ser lido.

Não poupei a você, nem a mim – seu ceticismo de homem da lei ou meus atos inconsiderados e recusas estúpidas de enfrentar a verdade.

Imagino se você, quando tiver lido toda esta circunstanciada narrativa, sentirá tão agudamente quanto eu que

Nossas indiscrições servem-nos bem quando os projetos mais astutos se evaporam...

Que estranho entrelaçamento de destinos principiou naquela descuidada manhã de abril em que Pamela e eu vimos, pela primeira vez, Cliff End.

Seu,

RODERICK”.